



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

PERCEPÇÃO SOCIOESPACIAL E ENSINO DE GEOGRAFIA INTERDISCIPLINAR: ANÁLISE DA FEIRA LIVRE DO MUNICÍPIO DE FAGUNDES-PB

José Wellington Farias da Silva

Especialista em Educação pela Universidade Estadual da Paraíba
e-mail: wellington.ibf@hotmail.com

Izanete Maria Silva de Lima

Mestranda em Educação na Universidade Estadual da Paraíba
e-mail: izannete@hotmail.com

Gilberto Ivens de Araújo Tavares

Graduado em Licenciatura Plena em Geografia pelo IFRN
e-mail: ivens_gilberto@yahoo.com.br

Karla Rodrigues de Almeida

Especialista em Educação pela Universidade Estadual da Paraíba
e-mail: karlaalmeida.1@hotmail.com

Resumo:

O presente trabalho tem como objeto de estudo a construção da percepção socioespacial a partir de um ensino de Geografia interdisciplinar. Apresenta como objetivo principal, compreender a importância da interdisciplinaridade na percepção dos alunos em relação ao espaço vivido, considerando os aspectos sociais, culturais e espaciais locais, como fatores indispensáveis para tal construção. O trabalho trata-se de um relato de experiência referente ao projeto “Da feira à escola” realizado entre os meses de maio e outubro de 2015, na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Joana Emília da Silva, da cidade de Fagundes-PB. Tendo como público alvo alunos do ensino médio dessa instituição, sendo desenvolvido, na disciplina de Geografia em parceria com a disciplina de Sociologia, Língua Portuguesa e Matemática. Onde os estudantes realizaram uma análise geográfica da feira livre da cidade de Fagundes, Paraíba. Para tanto, utilizou a aula de campo como um dos métodos didáticos mais adequados tanto na construção da percepção como na prática interdisciplinar. A pesquisa justifica-se pois o ensino interdisciplinar amplia a visão de mundo do estudante em relação ao espaço geográfico e o meio sociocultural que o mesmo se insere, facilitando a contextualização dos conteúdos disciplinares, entre si, e com o cotidiano. Nessa perspectiva, o processo de ensino e aprendizagem ocorreu de forma coletiva e participativa, pois os professores assumiram a posição de orientador, enquanto que os alunos passaram a ser visto como sujeitos no seu próprio processo construtivo.

Palavras-chave: percepção socioespacial; ensino de geografia, interdisciplinaridade.



01. INTRODUÇÃO

O trabalho trata-se de um relato de experiência referente ao projeto “Da feira à escola” realizado entre os meses de maio e outubro de 2015, na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Joana Emília da Silva, da cidade de Fagundes-PB. Tendo como público alvo alunos do Ensino Médio, sendo desenvolvido, na disciplina de Geografia em parceria com a disciplina de Sociologia, Língua Portuguesa e Matemática. Onde os estudantes realizaram uma análise geográfica da feira livre da cidade de Fagundes, Paraíba. Abrangendo habilidades linguísticas e matemáticas, entre outras áreas do conhecimento como a Sociologia.

O projeto objetivou-se em desenvolver uma prática de ensino de Geografia que considera os aspectos socioespaciais e manifestações culturais locais, associadas a interdisciplinaridade, como fatores indispensáveis na construção da percepção dos alunos em relação aos espaço vivido e ao contexto que os mesmo estão inseridos.

O espaço geográfico visto como um produto histórico, onde sua produção baseia-se nas práticas socioculturais dos grupos sociais que viveram e vivem num determinado local, onde o mesmo é tido como espaço vivido estando ligado a esses grupos por laços afetivos relacionados à sua vivência e identidade. A cultura é um fator indispensável na percepção espacial, pois a mesma destaca-se como um elemento que diferencia uma sociedade de outras, sendo também diferenciados de espaços ou lugares, uma vez que cada sociedade organiza seu espaço de acordo com sua cultura atribuindo-lhes significados. Wagner & Mikesell (2003, p.28) definem cultura como uma:

[...] propriedade ou atributo inerente aos seres humanos, [...] um artifício intelectual para se generalizar convenientemente a respeito de atitudes e comportamentos humanos, ‘cultura’ é uma palavra chave para a compreensão sistemática de diferenças e semelhanças entre os homens. A noção de cultura considera não indivíduos isolados [...], mas comunidades de pessoas ocupando um espaço determinado, amplo e geralmente contínuo, além das numerosas características de crença e comportamento comuns aos membros de tais comunidades.

A construção de tal percepção em relação aos espaço geográfico é fundamental para o ensino de Geografia, pois a categoria espacial destaca-se como a base dos estudos geográficos. Para tanto, é preciso eleger o processo de aprendizagem como um processo produtivo, onde a produção ou construção é feita pelo estudante a partir da orientação do professor. O ensino de Geografia propicia, sobretudo, a construção de uma percepção socioespacial onde o espaço geográfico é percebido e



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

concebido como espaço vivido. Tendo como uma das ferramentas mais eficazes, a aula de campo trabalhada em uma metodologia que valoriza a autonomia do aluno e sua vivência com o meio.

Para Oliveira & Souza (2009, p. 196) a prática de estudo do meio é classificada como “[...] uma atividade extra-sala/extra-escola que envolve, concomitantemente, conteúdos escolares, científicos (ou não) e sociais com a modalidade espacial, realidade social e seu contexto amalgamado material e imaterial de tradições/novidades”. Dessa forma, a partir da afetividade e das experiências de vida de cada estudante, e do coletivo, os fenômenos espaciais são associados aos conteúdos escolares, os quais ganham significados, tanto por meio dos elementos espaciais materiais como pelas manifestações imateriais inerentes a configuração espacial vivenciada. Conforme expressa Figueiredo (2011, p.24):

[...] a utilização do trabalho de campo pode ser favorável à construção de novos significados sobre a realidade encontrada no espaço e reduzir o distanciamento da realidade concreta em que vivem os alunos, ou seja, essa estratégia pedagógica pode ampliar as possibilidades de resignificação da dimensão social do espaço, contribuindo para uma renovação da educação geográfica.

A Geografia, tanto como ciência quanto como disciplina, fundamenta-se na interação entre a ação humana em sociedade e os aspectos naturais do meio, procurando entender tal interação. Porém, sendo essa, uma ciência interdisciplinar, que busca em outros ramos científicos, elementos para melhor entender e explicar os fenômenos por ela estudados. É indispensável uma prática de ensino de geografia interdisciplinar, sobretudo, na a aula de campo. Nessa concepção de ensino, Heloísa Lück (1994, p. 64), define interdisciplinaridade como:

[...] o processo que envolve a integração e engajamento de educadores, num trabalho conjunto, de interação de disciplinas do currículo escolar entre si e com a realidade, de modo a superar a fragmentação do ensino, objetivando a formação integral dos alunos, a fim de que possam exercer criticamente a cidadania, mediante uma visão global do mundo e serem capazes de enfrentar os problemas complexos, amplos e globais da realidade atual.

A prática da aula de campo envolve conhecimentos disciplinares e experiências com o lugar, com o real. Uma vez que, um mesmo objeto de estudo ou fenômeno observado pode ser analisado de diversos ângulos, é fundamental que a aula de campo se desenvolva com parcerias entre a Geografia e demais disciplinas, pois cada uma delas trará para análise e discussão, um enfoque diferente sobre a realidade em comum. Porém, como afirma Pedro



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Demo (2001), para que a aprendizagem se concretize na prática interdisciplinar, a especificidade de cada disciplina deve ser respeitada.

Não se pode pretender que interdisciplinaridade conjugue a superficialidade do conhecimento, porquanto conhecimento mais profundo é sempre especializado. Combatemos o excesso de disciplinarização, porque estreita demais o olhar ao aprofundá-lo mais verticalmente. Mas mantém-se a necessidade de especialização, porque é o preço da profundidade. Neste sentido, a interdisciplinaridade não quer prejudicar a verticalização do conhecimento e, sim, mais alargar até onde possível sua horizontalização. É por isso que trabalho interdisciplinar é, mais propriamente, coisa de grupo. [...]. Não interessa somar saberes similares, mas díspares, capazes de ver o que outros não vêem. Trata-se, pois, de somar profundidades, que poderiam iluminar a questão tanto mais. Dentro do grupo, espera-se que cada membro cumpra seu papel, ou seja, dê conta de sua especialização. O matemático espera que o sociólogo lhe traga o que a melhor sociologia possível teria a dizer e vice-versa. Faz pouco sentido um se meter a substituir o outro. Pois serão todos superficiais e banais. (DEMO, 2001, p. 135).

Dessa forma, o ensino interdisciplinar significa integrar saberes de diferentes áreas do conhecimento, integração essa que ocorre a partir da especificação de cada área ou disciplina, partindo do específico para o geral. Quando praticada nessa concepção a aula de campo atribuí, ainda mais, significados aos fenômenos estudados, pois no estudo de campo além da contextualização dos conteúdos trabalhados em sala de aula com o cotidiano dos alunos, ocorre também, a integração e contextualização dos conhecimentos adquiridos em várias disciplinas.

A escolha da feira livre como objeto de estudo na construção de uma percepção espacial baseada na interdisciplinaridade e nos aspectos socioculturais locais, justifica-se pois as mesmas são palcos ricos para pesquisa, elas agregam em um mesmo espaço diversos elementos e atores sociais de classes e funções distintas. Esses elementos e agentes desenvolvem relacionamentos de interações que vão além da simples compra, venda e troca de mercadorias. Torna-se, portanto um espaço propício para o desenvolvimento da sociabilidade e trocas culturais. Sobre a importância das feiras Araújo (2011) destaca:

Tais espaços vão além de simples pontos de compra e venda de mercadorias. São lugares privilegiados, em que se desenvolve uma série de sociabilidades. São, muitas vezes, pontos de encontro tradicionais de amigos ou de simples conhecidos, loci escolhidos para os mais variados atos da vida social e mantem, assim, um sentido de permanência e de identidade.

Tal sociabilidade é dotada de um caráter positivo- construtivo, afirmativo- para as pessoas que dela participam. Sabe-se que, na teoria social, a noção de sociabilidade se refere geralmente a situações lúdicas em que há conagração e confraternização entre as pessoas (ARAÚJO, 2011, p.90).



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Dessa forma, por meio de uma metodologia interdisciplinar, o projeto contribui para o crescimento intelectual e cultural dos estudantes e da comunidade, valorizando a configuração espacial e a cultura local, aproximando o contexto escolar da realidade vivida e retratada no cotidiano da feira livre. Utilizando a aula de campo como métodos de ensino e aprendizagem que, além possibilitar a socialização dos elementos analisados, fortalece, por meio da interação entre os envolvidos, as relações alunos/professores, alunos/alunos e escola/comunidade.

02. METODOLOGIA

O projeto intitulado “Da feira à escola”, desenvolvido no ano de 2015, na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Joana Emília da Silva, da cidade de Fagundes-PB; apresentou como procedimentos metodológicos, o planejamento interdisciplinar das atividades, realizado no mês de maio, entre os professores das duas disciplinas de Geografia, Sociologia, Língua Portuguesa e Matemática, com reuniões envolvendo alunos das três séries do Ensino Médio.

Uma pesquisa bibliográfica teórica-conceitual a respeito da temática e do objeto de estudo desenvolvida entre os meses de junho e julho. Um estudo de laboratório de campo, em caráter interdisciplinar, realizado na feira livre de Fagundes no mês de agosto.

A tabulação dos dados obtidos na pesquisa e as produções textuais desenvolvidas entre os meses de agosto e setembro, as quais foram elaboradas a partir do que foi observado na aula de campo, relacionando com os conteúdos discutido em sala de aula. Por fim, a apresentação dos resultados da pesquisa na Mostra Pedagógica a ser desenvolvida pela escola em outubro do corrente ano.

03. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O projeto foi desenvolvido durante o ano letivo de 2015, na disciplina de Geografia em parceria com a disciplina de Sociologia, contando com o apoio de uma professora de Língua Portuguesa, tendo como público alvo alunos do Ensino Médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Joana Emília da Silva, na cidade de Fagundes-PB.

Foi realizada uma pesquisa bibliográfica teórica-conceitual a respeito da temática e do objeto de estudo desenvolvida entre os meses de junho e julho, com análise e discussão sobre a origem das feiras livres na história da humanidade, as mudanças que a mesmas sofreram ao longo dos séculos, enfatizando a importância sociocultural e econômica das mesmas, além de um levantamento histórico sobre a feira livre do



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

município de Fagundes, sobretudo, em relação a Revolta de Quebra-Quilos.

Quebra-Quilos foi um movimento popular iniciado na Paraíba, em 31 de outubro de 1874, e que se opunha às mudanças introduzidas pelos novos padrões de pesos e medidas do sistema internacional, recém introduzidas no Brasil. Tudo tem início, ao que se sabe, com o popular João Carga D'água, vendedor de rapadura, que liderando um grupo, resolveu invadir a feira livre do povoado de Fagundes (1875), próximo a Campina Grande, para quebrar e atirar dentre do Açude Velho as medidas usadas pelos feirantes que foram fornecidas pelo governo.

Em agosto do mesmo ano foi desenvolvida uma aula de campo, em caráter interdisciplinar, na feira livre da cidade de Fagundes-PB, a qual foi ministrada na disciplina de Geografia em parceria com a disciplina de Sociologia. A atividade foi realizada em um sábado (único dia da semana dedicado a feira) durante o turno da manhã entre das 8:00hs às 10:00hs, uma vez que o horário de funcionamento da feira inicia-se às 6:00hs da manhã se estendendo até aproximadamente 14:00hs da tarde. No entanto, os feirantes costumam chegar mais cedo para a arrumação das mercadorias em seus respectivos bancos, os quais são montados na tarde do dia anterior.

Foto 01: Feira Livre de Fagundes – 2015



Fonte: Silva, José W. F. da. Aula de campo, 2015

Na aula foi possível analisar a dinâmica espacial, sociocultural e econômica local, pois os alunos observaram a forma como os bancos são posicionados; os produtos que são comercializados, os quais variam desde alimentos e animais até roupas e objetos de artesanatos; o linguajar utilizado pelos feirantes e clientes; e as relações interpessoais existentes entre os mesmos. Assim, tal prática proporcionou a aproximação das informações, conceitos e teorias adquiridos na pesquisa bibliográfica com a realidade observada e vivida no cotidiano da feira.



Além de uma cobertura fotográfica, durante a aula, os alunos coletaram dados através da aplicação de questionários direcionados aos feirantes e clientes, dados esses, que foram suficientes para a montagem dos perfis dos entrevistados. As observações e informações coletadas também foram importantes para as produções textuais feitas pelos alunos, entre as quais se destaca a elaboração de um cordel.

Foto 02: Aluno entrevistando clientes – 2015



Fonte: Silva, José W. F. da. Aula de campo, 2015

A Tabulação dos dados foi desempenhada entre os meses de agosto e setembro, com a orientação dos professores, onde os estudantes utilizarão conteúdos matemáticos como porcentagem para elaboração de gráficos com dos dados obtidos com os questionários aplicados na aula de campo realizada na feira livre, a partir do qual foi possível a montagem do perfil dos feirantes e dos clientes.

Utilizaram, também, regras gramaticais da língua portuguesa em produções textuais que relataram o que foi observado na feira e os conceitos e informações analisadas na pesquisa bibliográfica. Produções essas que foram orientadas pelos professores de Geografia e Sociologia e supervisionadas pela professora de Língua Portuguesa, em destaque para o cordel intitulado pelos alunos por “Num banco velho de feira”, que retrata a rotina dos feirantes e suas relações com os clientes, além de ressaltar a dinâmica espacial do lugar.

A apresentação dos resultados obtidos nas etapas anteriores se deu durante na Mostra Pedagógica desenvolvida pela escola em outubro de 2015. Na ocasião, por meio dos alunos, foi exposto um breve relato sobre a origem e mudanças que ocorreram das feiras livres ao longo da história da humanidade. Posteriormente desenvolveu-se uma discussão em relação a história da feira livre da Fagundes, em destaque para Revolta de Quebra-Quilos, incluindo registros fotográficos antigos. Além da análise da organização espacial atual a partir da cobertura fotográfica feita pelos alunos durante a aula de



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

campo, os estudantes enfatizaram os dados adquiridos na pesquisa de campo analisando os gráficos referentes ao perfil dos feirantes e clientes, e apresentaram as produções textuais.

Fotos 03: Alunos apresentando os resultados da pesquisa bibliográfica para o público – 2015



Fonte: Silva, José W. F. da. Outubro de 2015.

Por fim, foi apresentado ao público, o cotidiano da feira e seus principais aspectos socioculturais e econômicos, para tanto, alunos e professores reproduziram a feira livre de Fagundes no pátio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Joana Emília da Silva, a qual retratou a organização espacial, a variedade dos produtos, as relações interpessoais entre feirantes e clientes e as manifestações culturais locais.

Fotos 04: Alunos preparando a feira no pátio da escola com a orientação dos professores – 2015



Fonte: Silva, José W. F. da. Outubro de 2015.

Fotos 05: Feira livre reproduzida na Mostra Pedagógica Escolar – 2015



Fonte: Silva, José W. F. da. Outubro de 2015.

A feira reproduzida no ambiente escolar contou com oito bancos que apresentaram uma variedade de produtos como alimentos, roupas e artesanatos, além de um banco reservado para práticas de jogos típicos da feira, como o dominó e o baralho. Também foi reservado um local onde um grupo de alunos fizeram apresentações musicais

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



baseadas nas músicas de Luiz Gonzaga e o Forro Pé-de-Serra, utilizando instrumentos como a zabumba e o triângulo. Contou, também, com a participação de personalidades locais, como Antônio do Doce, o vendedor de doces mais famoso de Fagundes, e a presença de autoridades locais, como o prefeito da cidade.

O execução do projeto em caráter interdisciplinar proporcionou aos alunos a ampliação de sua visão de mundo, contribuindo para construção de sua percepção socioespacial, assim como, para o seu desenvolvimento crítico-reflexivo. Enquanto que, os professores envolvidos compreendem que a educação e o processo de ensino e aprendizagem se dão de forma coletiva e participativa. Onde a base da aprendizagem está no ato de ensinar, contextualizar, integrar e praticar.

04. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No atual contexto educacional, é fundamental que o processo de ensino e aprendizagem se desenvolva de forma participativa e coletiva, onde os alunos são considerados sujeitos ativos desse processo. Nessa perspectiva, o projeto ressaltou a utilização da aula de campo como metodologia de caráter interdisciplinar, no ensino de Geografia, objetivando a execução de uma prática pedagógica socioconstrutivista, aproximando o conteúdo disciplinar com os fatos do cotidiano. Além de relacionar os conteúdos geográficos com temáticas e visões abordadas na disciplina de Sociologia e com atividades que explorassem conceitos matemáticos e regras gramaticais.

Dessa forma, por meio de uma metodologia interdisciplinar, o projeto contribuiu para o crescimento intelectual e cultural dos estudantes e da comunidade, valorizando a configuração espacial e a cultura local, aproximando o contexto escolar da realidade vivida e retratada no cotidiano da feira livre. Além possibilitar a socialização dos elementos analisados, fortalece, por meio da interação entre os envolvidos, as relações alunos/professores, alunos/alunos e escola/comunidade.

Por fim, a reprodução da feira livre no ambiente escolar foi relevante, pois proporcionou aos alunos, entre outros fatores, o desenvolvimento de aspectos socioeducativos, onde os mesmos apresentaram a comunidade, de forma lúdica, os conteúdos e resultados obtidos e analisados ao longo do projeto.

Dessa forma, o ensino interdisciplinar significa integrar saberes de diferentes áreas do conhecimento, integração essa que ocorre a partir da especificação de cada área ou disciplina, partindo do específico para o geral. Quando praticada nessa concepção a aula de campo atribuí,



ainda mais, significados aos fenômenos estudados, pois no estudo de campo além da contextualização dos conteúdos trabalhados em sala de aula com o cotidiano dos alunos, ocorre também, a integração e contextualização dos conhecimentos adquiridos em várias disciplinas.

05. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Giovanna de Aquino Fonseca. **Continuidade e descontinuidade no contexto da globalização: um estudo de feiras em Portugal e no Brasil (1986-2007)**. Disponível em <file:///C:/Users/Welligton/Downloads/TD_Giovanna.pdf> Acesso em 23 de julho de 2015.

DEMO, Pedro. **Saber pensar**. 2. ed. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2001.

FIGUEIREDO, Pedro Henrique de Oliveira. **O trabalho de campo na geografia escolar como estratégia para a percepção da dimensão socioespacial do real**. Centro Universitário UNA, 2011, p. 108. (Dissertação do Programa de Mestrado em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Local).

LÜCK, Heloísa. **Pedagogia interdisciplinar: fundamentos teóricos-metodológicos**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

OLIVEIRA, Christian; SOUZA, Raimundo. Travessias da aula em campo na geografia escolar: a necessidade convertida para além da fábula. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 35, n. 1, 2009: 195 - 209. Disponível em: <<http://www.scielo.br>> Acesso em: 26 de mar. de 2014.

WAGNER, Philip L.; MIKESELL, Marvin W. Os Temas da Geografia Cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (Org.) **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, p. 27-61.